

## Práticas leitoras multimídiais e formação de leitores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico

Doutoranda Gabriela Fernanda Cé Luft<sup>i</sup> (UFRGS e IFRS)

...

### Resumo:

*Resultados divulgados por diferentes instrumentos de avaliação têm atestado o despreparo dos estudantes brasileiros quanto às capacidades leitoras. Impõe-se, pois, a constituição de mediadores entre o texto e o leitor, seja no contexto da escola, seja no contexto da família ou, mesmo, do exercício profissional. É nesse sentido que sugerimos, neste trabalho, a partir das atividades desenvolvidas há mais de quinze anos no Centro de Referência de Literatura e Multimeios ("Mundo da Leitura") da Universidade de Passo Fundo (RS), alternativas para a formação de leitores e metodologias para a abordagem de textos literários e não-literários, por meio da aplicação do que denominamos práticas leitoras multimídiais, as quais priorizam a interdisciplinaridade e a intertextualidade, aliadas às novas tecnologias de suporte textual, para reconstituir a leitura como um ato criativo, participativo e, essencialmente, dialógico, em que a figura do mediador como fomentador do diálogo entre o autor e o leitor através dos textos é fundamental.*

**Palavras-chave:** leitura, formação de leitores.

## 1 Introdução

Resultados divulgados por diferentes instrumentos de avaliação, nacionais e estrangeiros, têm atestado o despreparo de nossos alunos quanto às capacidades leitoras. Entre setembro de 2007 e maio de 2008, por iniciativa do Instituto Pró-Livro, realizou-se a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, cujo objetivo era diagnosticar e medir “o comportamento leitor da população especialmente em relação aos livros” (AMORIM, 2008, p. 26), por meio da aplicação de cerca de 5.000 questionários a sujeitos acima de cinco anos de idade, em 311 cidades de todos os Estados do Brasil. Os resultados da pesquisa, sistematizados na obra *Retratos da leitura no Brasil*, organizada por Galeno Amorim, revelam que a escola ainda não age eficientemente com relação à formação de leitores:

[...] é a partir da escola que os brasileiros entram em contato com o processo da leitura e, por meio dela, acessam os livros, independentemente de sua classe social. [...] É na escola que se lê mais, os jovens lêem mais e é na infância que se forma o leitor. Entretanto, depois da escola, o brasileiro lê menos. *A escola não está formando o leitor*, mas dando acesso à leitura. (LÁZARO; BEAUCHAMP, 2008, p. 74, grifo nosso)

Embora se reconheça, por um lado, a centralidade da escola na formação educacional dos sujeitos, as disponibilidades curriculares e as metodologias impostas em sala de aula parecem influir diretamente no afastamento gradativo dos sujeitos em relação aos livros. Analisando os dados da pesquisa, Zoara Failla observa que, embora os mais jovens leiam quatro vezes mais “livros em geral” do que o restante da população, a presença da obrigatoriedade parece ser prática constante: “se avaliarmos a motivação para a leitura, percebemos que ainda não foram seduzidos para essa prática: entre esses jovens 45% informa que lê por obrigação, enquanto somente 26% o fazem por prazer” (FAILLA, 2008, p. 97, grifos da autora). O resultado está, ao que parece, situado em um

espaço no qual a leitura, como encaminhada na escola, perde atração, tornando-se uma atividade que o sujeito encerra quando muda sua vida, quando sai da sala de aula:

Tanto a criança quanto o jovem gostam de ler. É comum vermos crianças absortas na leitura de revistas, por exemplo. Portanto, gostam de ler. O problema está em que são obrigadas a ler, especialmente nas escolas. É lá que elas não gostam de ler. Lêem, como informam na pesquisa, por obrigação. Mas lêem enquanto são estudantes. O problema é cativá-las para serem leitoras por prazer e após deixarem de ser estudantes. (FAILLA, 2008, p. 104-105, grifo nosso)

Isso significa que grande parte dos alunos tem concluído o ensino médio sem adquirir hábitos regulares de leitura, seja de textos literários, seja de textos não literários. Assim, podemos afirmar, de uma forma geral, que o ensino de literatura no ensino médio não tem alcançado plenamente os objetivos essenciais a que se propõe – a formação de leitores competentes de textos literários ou não literários, e a consolidação de hábitos de leitura -, o que aponta para a necessidade de revisão das práticas escolares de ensino de literatura.

Motiva esta pesquisa nosso interesse no ensino no âmbito da literatura e da cultura brasileiras e o propósito de constituir um trabalho coletivo e de intervenção pública, características que, conforme Fischer, contrariam “duas marcas da vida acadêmica atual, o isolamento (auto-satisfeito, em grande parte das vezes) e o horizonte intramuros do trabalho de pesquisa (e conformado com isso, muitas das vezes)” (2005, p. 24). Serve-nos de estímulo uma ideia bastante presente na obra de Antonio Candido: que a literatura é um dos direitos humanos, que nos cabe oferecer a muita gente.

## **2 A literatura infantil e juvenil na perspectiva do novo leitor e da configuração de centros culturais multimídiais**

A biblioteca escolar é o local por excelência para se apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças, configura-se como a única oportunidade de acesso aos livros que não são didáticos. Entretanto, de encontro a um quadro literário tão rico, portador de tão significativas produções infantis e juvenis, às crianças e jovens brasileiros, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos.

Raras são as bibliotecas escolares que dispõem de um acervo adequado, diversificado e/ou de profissionais aptos a orientar o público. Ainda mais raras são as bibliotecas domésticas. Agrava essa situação o fato de a grande maioria dos bibliotecários, ou dos profissionais que se responsabilizam por bibliotecas, ao lado de um contingente significativo de professores que também não são leitores.

O ideal seria que o bibliotecário, que, entre outras, acumula também as funções de educador e disseminador da leitura, na ocasião de montar ou atualizar seu acervo de obras literárias, realizasse uma seleção capaz de propiciar a crianças e jovens textos de qualidade e questionadores, conquanto lúdicos. Visitas às livrarias, participação nas reuniões pedagógicas reforçando a idéia da necessidade de melhorar o acervo e contatos com a comunidade apontando a biblioteca como centro cultural e não como armazenadora de livros, são algumas atitudes que poderão garantir um aumento quantitativo e qualitativo da literatura infantil e juvenil. Nesse sentido, vale lembrar que, de acordo com Magda Soares, não há como evitar que a literatura infanto-juvenil, “ao se tornar saber escolar, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola” (1999, p. 21).

Por parte da crítica, o ideal seria uma publicação regular com a resenha crítica da produção considerada digna de ocupar a atenção do público – um encarte semanal em jornais de grande circulação, um folhetim mensal de uma instituição especializada, hoje necessariamente disponível na internet<sup>4</sup>, que, entre seus fins, tivesse a prestação de serviços informativos a pais e professores. Da mesma forma, é de extrema importância que educadores discutam o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como, o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico. Além disso, o educador deve saber o quanto são

importantes sua prática e ação em sala de aula e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. Segundo Regina Zilberman, “ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais [...] em razão de sua percepção singular do universo representado” (2003, p. 28).

O novo leitor, revelado pela perspectiva do século XXI, além de ter acesso às obras contemporâneas e expressivas do segmento, demanda a configuração e a consolidação de centros culturais multimídiais. Atualmente, ao lado do livro, da revista e das histórias em quadrinhos, devem ser incluídos outros suportes de leitura, tais como a televisão, o vídeo, o DVD, o computador, o e-book, entre outros, de forma que o leitor possa adotar uma perspectiva hipertextual no ato de ler, através de uma perspectiva crítica e cidadã. Mais do que isso: além de possuir o hábito de ler, espera-se que o novo leitor desenvolva uma cultura da leitura.

Nesse contexto, em setembro de 1997, instituiu-se o “Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura”, laboratório do curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo (RS), coordenado pela prof. Dra. Tania M. K. Rösing, em que se desenvolvem atividades multimídiais de ensino, pesquisa e extensão sobre questões de leitura, dirigidas a mestrandos, licenciandos em geral, alunos e professores do ensino básico de qualquer sistema de ensino, estudantes e professores universitários, bem como a leitores em geral, a fim de promover a leitura, a literatura e o complexo das múltiplas linguagens.

Através de visitas previamente agendadas, no Centro desenvolvem-se práticas leitoras em múltiplos suportes e em linguagens variadas, destinadas a turmas de educação infantil, ensino fundamental, médio e superior. As centenas de visitas agendadas e práticas leitoras multimídiais aplicadas, bem como as incontáveis atividades de ensino, pesquisa e extensão ligadas à formação do leitor, à difusão da literatura e ao universo em que se constituem as múltiplas linguagens, configuram grandes exemplos da bela recepção de jovens autores e obras pelos novos leitores.

Além disso, não basta ser professor ou lidar com crianças e jovens para saber o que é bom em literatura infantil e juvenil. É preciso ser leitor, conhecer o que é disponibilizado em bibliotecas bem aparelhadas como centros culturais multimídiais de promoção da leitura, acompanhar a produção recente disponibilizada no mercado editorial por intermédio das livrarias, conhecer, de fato, o traço do infantil e ter alguma informação básica sobre a própria literatura, com as especificações relativas àqueles leitores. Ler ou não ler – eis a questão. Se os professores, educadores, animadores culturais e bibliotecários pretendem assumir a posição de agentes disseminadores da leitura da literatura infantil e juvenil, precisam gostar de ler e têm de ler, para, daí sim, terem condições de incentivar a leitura.

Como forma de incentivar tal hábito, propomos distintas metodologias para a abordagem do texto literário, em que a figura do mediador como fomentador do diálogo entre o autor e o leitor através do texto é fundamental. Para tanto, sugerimos a aplicação do que denominaremos, a partir deste momento, de práticas leitoras multimídiais, as quais priorizam a interdisciplinaridade e a intertextualidade, aliadas às novas tecnologias de suporte textual, para reconstituir a leitura como um ato criativo, participativo e, essencialmente, dialógico.

## **1.1 A pré-leitura**

Para formar um leitor crítico e sensível, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, de construir significados e transformá-los em palavras, exige-se do mediador de leitura uma intervenção adequada, contínua e explícita, que precisa ocorrer de forma consciente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura. O diálogo entre o mediador e o aluno-leitor não deve ser baseado na transmissão de respostas prontas, pelo contrário: deve possibilitar a mobilização do sujeito mediado de forma que ele tenha condições de buscar suas próprias respostas e construir os seus próprios significados para o que está lendo.

O trabalho com a pré-leitura permite que se resgatem as informações do mundo exterior ao

texto, recurso pelo qual o conhecimento prévio do aluno-leitor é trazido à tona. Ao colocarmos em prática estratégias que ativam o conhecimento prévio do aluno-leitor, descobrimos o quanto eles sabem ou o quanto não sabem a respeito dos assuntos que serão desenvolvidos durante a realização da prática leitora. Entretanto, em sala de aula, o que temos observado a respeito da leitura é que o professor centra sua atenção na escolha do objeto – o texto, o livro – e esquece o sujeito – o aluno-leitor. Primeiramente, o professor seleciona o material, e só depois decide o que fazer. Entretanto, no processo de mediação o professor precisa ter clareza dos motivos que o levaram a escolher determinada obra, não outra, e ter consciência de que todas as atividades dependerão de seu propósito inicial.

## **1.2 Dos princípios para a elaboração de práticas leitoras multimídiais**

A elaboração, ou seja, o roteiro das práticas leitoras deve prever os seguintes aspectos: delimitação dos objetivos da atividade, justificar a escolha do tema e sua posterior abordagem, delimitação do tempo, desenvolvimento e material utilizado.

1. O professor deve ser um leitor: nada mais falso do que obrigar o aluno a ler e ser, o professor, um sujeito pouco afeito à leitura. Todos os professores têm, por certo, alguma experiência nesse campo: ao recomendar ou ao estudar um livro já lido, sobre o qual tenha uma noção adequada e informada, o professor tem sucesso; caso contrário, o resultado é ou muito difícil, ou nulo. Mais que por palavras, o professor deve dar o exemplo vivo da validade de ler por meio de sua atuação cotidiana. Deve ser um freqüentador assíduo de bibliotecas, deve ser um estimulador da leitura, deve ser um mediador entre o aluno e a literatura.
2. A escolha do *corpus* – no caso, uma obra literária: tudo depende do público-alvo. Deseja-se trabalhar com alunos de educação infantil? Com as séries iniciais do ensino fundamental, ou com as séries finais? Com o ensino médio? Com um público de universitários? Ou seria o caso de promover a leitura em meio a associações de moradores? A definição da obra se dará, pois, a partir da delimitação do público alvo. Afinal, plateias distintas exigem obras distintas. Assim, a mediação do ato de ler inicia pela seleção do texto, que deve ser do interesse do leitor ou mesmo necessário às suas ações no âmbito de seu grupo social e esteja de acordo com os níveis de leitura desse leitor, observadas suas características pessoais. Tais cuidados no processo seletivo pressupõem a existência de um mediador com experiência de leitura, cujo conhecimento prévio esteja repleto de informações, sejam elas adquiridas pelo senso comum, e de modo especial, por intermédio do acervo do conhecimento acumulado ao longo da história e através do contato e do envolvimento com linguagens veiculadas em diferentes suportes, reveladores de valores, usos, costumes, crenças e que configuram o seu nível cultural baseado nos princípios da universalidade.
3. Selecionado o texto literário, é necessário que se escolham outros suportes, além do livro e relacionados a ele, que possibilitem ao público-alvo a realização de outras leituras. Deve-se atentar para o fato de que as concepções tradicionais de leitura pouco representam em uma atualidade de constante evolução tecnológica. Em um período em que a comunicação e a informação digital são fatores fundamentais nas novas formas de relacionamento humano, em um momento em que a tecnologia da tela fortemente se introduz nos procedimentos sociais, a leitura deve ser observada em conceitos e contextos mais amplos, assim como o livro deve ser compreendido em sua evolução histórica em meio às novidades da realidade virtual.

Além de contribuir com o processo de identificação de pistas responsáveis pela coerência e pela coesão textuais, construindo uma metodologia de abordagem do texto, o mediador precisa estimular o leitor a estabelecer relações desse conteúdo com os diferentes contextos nos quais interage, com outros textos já existentes, numa verdadeira estrutura arquitetônica.

A leitura é um processo de interatividade, implicando a explicitação do modo como o leitor visualiza o mundo, dos valores que subjazem às suas manifestações e do encaminhamento da

significação do texto original observadas essas nuances. A leitura é, antes de tudo, um diálogo entre sujeitos – o sujeito autor, o sujeito mediador, o sujeito leitor – e o próprio texto – que se torna sujeito também, já que, criado, independe de seu criador. Esse processo de cooperação imprevisível é o momento em que são compartilhados contextos mentais, sentimentos, emoções.

## **Conclusão**

A ausência de uma cultura de leitura impõe a constituição de mediadores entre o texto e o leitor, seja no contexto da escola, seja no contexto da família ou, mesmo, do exercício profissional. É hora de se repensar metodologias, abordagens e conceitos. É necessário repensar a forma de envolver todas as camadas da população – sejam crianças, jovens, adultos, idosos ou neoleitores – no mundo das leituras, propondo idéias para aproximá-los dos inúmeros textos que compõem a vida e que formam o mundo. É necessário ouvir, observar, refletir, para podermos reelaborar condições propícias à formação de leitores críticos, com competências para interagirem com múltiplas linguagens, nos diversos suportes, sejam eles fundados na tradição, sejam introduzidos pelas novidades da tecnologia. É necessário, sobretudo, ler.

Em uma sociedade cuja educação é constante e lamentavelmente preterida, quem se propõe a trabalhar com a mediação de leitura deve saber, de antemão, que são imensos os desafios. A fim da adoção de novas práticas de leitura capazes de ir ao encontro dos leitores, é imprescindível que professores, educadores, animadores culturais e bibliotecários conheçam os caminhos trilhados pela arte literária, a fim de que possam, conscientes dos desafios e das lacunas existentes, tomar atitudes transgressoras nas práticas leitoras peculiares à sociedade do conhecimento e das imposições tecnológicas.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.
- 2] FAILLA, Zoara. Os jovens, leitura e inclusão. In: AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008.
- 3] FISCHER, Luís Augusto. Luta social: tentativa de conceituação. In: *Terceira Margem*, revista do PPG em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras da UFRJ, Ano IX, nº 12, 2005, p. 24-32.
- 4] LÁZARO, André; BEAUCHAMP, Jeanete. A escola e a formação de leitores. In: AMORIM, Galeno (Org.) *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.
- 5] SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (Org.); BRANDÃO, Heliana Maria Brina (Org.); MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 17-48.
- 6] ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11.ed. São Paulo: Global: 2003.

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – campus Porto Alegre  
gabiluft@gmail.com